

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE TRADUÇÃO

Prof. Me. Rogério G. Santos

Neste capítulo, uma proposta de sequência didática de tradução e interpretação será apresentada como ferramenta de análise para a tradução e interpretação em Libras para a Língua Portuguesa. Baseia-se na premissa de que não se aprende uma segunda língua se não se sabe uma primeira. Nesse sentido, Revuz (1998, p. 215) observa que “a língua estrangeira é, por definição, uma segunda língua, aprendida após e tendo como referência uma primeira língua, aquela da primeira infância”. Portanto, o resultado esperado ao utilizarmos qualquer possível técnica de aprendizagem de uma segunda língua se concretizará somente por intermédio de conceitos adquiridos no domínio da primeira, ou seja, é um processo dependente de conhecimentos da língua materna daquele indivíduo que é o sujeito aprendiz ou que se apropriou daquela língua, quer seja ele um surdo, usuário da Libras, ou um ouvinte, no nosso caso, usuário da Língua Portuguesa.

Mediante comparações sistemáticas entre as duas línguas, apoiados em teorias da tradução como ciência, revelaremos um procedimento embasado em conceitos culturais e linguísticos da língua-fonte e da língua-alvo. De fato, “O fundamental no processo de tradução é que todos os componentes significativos do original alcancem a língua-alvo, de tal forma que possam ser usados pelos receptores.” (ARROJO, 1986, p.12).

Ao ressaltarmos essas e outras importantes características entre as duas modalidades de línguas, estamos certos de que não se esgotam aqui todas as possibilidades de comparações ou de análises linguísticas da Libras. Apontando os referenciais necessários, evidenciaremos que este método é adequado ao evento tradutório da Língua Portuguesa para a Libras, não somente para um único gênero da língua-fonte, tais como os textos bíblicos, foco de nosso trabalho, mas também para qualquer outro gênero literário ou não literário. O método que apresentaremos tem por objetivo fornecer um processo que conduza o tradutor ou intérprete da Libras a seguir automaticamente o que ele já faz mentalmente ao intermediar um enunciado na sua língua materna, fazendo com que, no ato da transferência entre as línguas, sejam considerados o contexto, regras, normas e as especificidades de termos que deverão ser utilizados.

Dessa forma, assim como na Língua Portuguesa, torna-se fundamental para uma produção gramatical adequada uma análise sintática, mentalmente realizada; pois, com isso, será produzido sentido para que todos os envolvidos compreendam o texto, o evento ou o enunciado concreto em todas as suas dimensões expressas nesse dialogismo. Partindo destes conceitos iniciais, veremos, então, na prática da interpretação para a Libras, como ela deve ocorrer seguindo a sequência de nossa proposta “metodológica de tradução e interpretação”. Nosso método foi organizado em quatro sequências didáticas dos eventos ou momentos tradutórios, os quais chamaremos de “fases da tradução em Libras”. São elas: a “redução”, a “adaptação”, a “tradução” e a “interpretação”. Para tornar a compreensão e a aplicabilidade deste método proposto em um movimento gradual e de simples assimilação, iniciaremos nosso primeiro exemplo de análise a partir de uma frase classificada como não literária.

1.1 Caso de tradução não literária

Para iniciarmos o movimento de nossa sequência didática para os gêneros não literários, escolhemos este exemplo:

“Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.”

1) Primeira fase, a “redução”:

Aqui, faremos a comparação básica entre as duas modalidades de língua confrontadas pela observação da tabela 1 como referência para esse nosso primeiro movimento tradutório. Com esse e outros exemplos em contextos de gêneros diferentes, teremos dois grupos sendo analisados: os estilos literários (no nosso estudo, os gêneros bíblicos) e os gêneros não literários.

Para os exemplos de gênero literário, ao utilizarmos textos bíblicos, nosso objetivo é o de contextualizar os grandes dilemas existentes no processo tradutório, observando a Libras também na questão da hermenêutica e da exegese bíblica. Na primeira ação de nossa proposta, a “redução”, como o próprio nome sugere, faremos a separação e a substituição de características gramaticais existentes entre a Língua Portuguesa e a Libras. Essa ação, contudo, não significa que não haja compatibilidades na língua de sinais, porém elas em geral possuem um equivalente

implícito, incorporado visualmente ou mediante um conjunto de todos estes movimentos expressivos, que garantirão o mesmo sentido do enunciado fonte.

Já de início, iremos analisar se o pronome pessoal utilizado ou se o sujeito da oração está devidamente identificado no contexto. Em Libras, pronomes demonstrativos e pessoais não possuem marcas de gênero feminino ou masculino e, conseqüentemente, quando representamos a tradução na modalidade escrita para Libras, isso é feito de forma neutra, com o uso do símbolo “@”. Assim, nos casos dos pronomes “Eu”, “Ele” ou “Ela, seja como sujeito ou predicativo, ao descrevermos o sinal em Libras, a configuração de mão será a mesma para as três pessoas, e usaremos, neste exemplo, a (CM14) da tabela de Configurações de Mãos, na figura 3 (anterior). Apenas a “apontação” para o “emissor” ou “receptor” definirá quem é o sujeito, “EU”, “ELE” ou “ELA”, que representaremos pela escrita “EL@”. Ainda, havendo plurais, por exemplo, indicando duas pessoas ou mais, como em “NÓS”, ou indicando “EU e VOCÊ”, teremos a mesma configuração de mão (CM14), porém agora usaremos os dedos indicador e médio (CM49).

Todavia, o que queremos nesta fase é demonstrar que, se o sujeito está implícito no contexto, ou seja, se sou “eu” mesmo quem está falando, não há a necessidade da presença do “sinal EU” ou da respectiva apontação. Assim, no exemplo de frase proposta acima, já faremos a “redução” ou “exclusão” do pronome possessivo (“Meus”); pois, se sou eu o “emissor” e não indiquei nenhum outro sujeito, está implícito que os amigos são os “meus”. Então, temos aqui a primeira ação desta fase, que é a remoção do pronome “Meus”.

Prosseguindo, ainda tomando como referência a tabela 1, os artigos definidos ou indefinidos, preposições, conectivos ou conjunções também não são utilizados, pois já estão normalmente incorporados ao evento visual da Libras, ou serão substituídos na fase seguinte. Assim, não teremos também em Libras as palavras “para”, “o” e “de”. Também, nesta primeira fase, ainda não nos preocuparemos com a sintaxe, mantendo o padrão utilizado na Língua Portuguesa, em geral (S-V-O = Sujeito + Verbo + Objeto).

Assim, o resultado da Primeira fase, será: “Domingo, amigos virão churrasco confraternização.”

Como fica na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):

“Domingo, amigos virão churrasco confraternização”.

2) Segunda fase, a “adaptação” (gênero não literário):

Passando agora para a segunda fase, observaremos outras questões gramaticais próprias da Libras. Continuando a consultar a nossa tabela 1, veremos os casos de conjugação verbal. Os verbos em Libras estão sempre no infinitivo e no singular. Além disso, na frase em questão, ao procurarmos uma equivalente ou uma “adaptação” para a flexão do verbo “vir” na 3ª pessoa do plural do futuro do presente do indicativo (“virão”), notaremos que não existe um léxico específico para esta palavra. Há, no dicionário da língua de sinais do Brasil (“A Libras em suas Mãos”), apenas o verbo “vir” (CAPOVILLA et al., 2017, v. 3, p. 2875). As conjugações verbais e a definição de espaço e tempo deverão ser articuladas por meio de recursos visuais espaciais ou dos “classificadores”. Dessa forma, as ENM estarão sempre presentes, do mesmo modo que estarão na questão da referência, ou não, ao sujeito na primeira fase (Redução). Sempre que não há alguma expressão não manual para indicação de tempo verbal, ela é automaticamente entendida e contextualizada como estando no tempo presente.

Isso quer dizer que, nesta fase, há ainda uma questão muito importante, que deve ser levada em consideração: o conjunto lexical da Língua Portuguesa é significativamente maior do que na LIBRAS¹. Isso expõe a importância do conhecimento que o intérprete deve ter da Língua Portuguesa. Dessa forma, ele poderá utilizar todos os recursos gramaticais possíveis, como os sinônimos, por exemplo, para tornar a compreensão mais eficaz para a pessoa surda, adequando as expressões ao léxico da Libras. Porém aqui a questão primária deve ser analisar o gênero na sua forma básica, se é literário ou não. Devemos também identificar qual seu objetivo e contexto. A frase que utilizamos como exemplo é uma simples mensagem ou um aviso, é caracteristicamente epistolar ou interpessoal e, conseqüentemente, pode ser classificada como um gênero não literário. Isso significa que sinônimos, substituições, ou adaptações contextuais são possíveis e devem ser

¹ O Dicionário da Língua Portuguesa Michaelis possui mais de 500.000, fonte: Saraiva. Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/michaelis-moderno-dicionario-da-lingua-portuguesa-acompanha-cd-rom-com-conteudo-do-dicionario-412915.html>>. Acesso em: 05 nov. 2017. A Libras possui mais de 13.400, na última edição do Prof. Fernando Capovilla, fonte: Jornal da USP. Acesso em: <<http://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/edusp-lanca-nova-edicao-de-dicionario-de-libras/>>. Acesso em: 06 nov. 2017.

utilizados sem a preocupação com cadência, ritmo e outras características próprias dos gêneros literários.

Todavia, precisamos dar especial atenção à palavra “confraternização”, pois esse item lexical também não existe no vocabulário da Libras. Nesse caso então, automaticamente, o intérprete deve buscar por uma substituição ou “adaptação”, por exemplo, mediante possíveis sinônimos. Como exemplo, podemos citar como possíveis substituições as palavras: intimidade, relação ou comunhão. Assumiremos, nesse contexto, que o mais apropriado é utilizarmos duas palavras que retratem o significado de “confraternização” na sua forma mais simples possível.

No dicionário Houaiss (2015), a palavra “confraternização”² está descrita como: “Demonstração, geralmente efusiva, de confraternidade”, “relação que une os companheiros da mesma confraria ou sociedade, ou de pessoas que têm a mesma atividade ou profissão.” No dicionário Houaiss, temos a acepção: “manter relações de camaradagem, familiaridade ou amizade.” (HOUAISS, 2015, p. 242). É importante deixar claro que, no ato tradutório ou interpretativo, as opções lexicais, o uso ou não de classificadores ou das expressões faciais e corporais são também questões de escolhas realizadas pelo intérprete.

Essas escolhas são pessoais e próprias do sujeito intérprete, e são dependentes de conceitos linguísticos existentes nas duas modalidades de língua, os quais são influenciados pela cultura e vivência desse intérprete. Baseando-nos nesses conceitos e comparações, optamos por escolher as palavras “festa” e “contato” para que, juntas, traduzidas para a Libras segundo o recurso da “incorporação” de sinais, possam construir o significado da palavra “confraternização”, agora na modalidade sinalizada. Isso será realizado com a execução dos sinais de “festa”, mais o sinal de “contato entre pessoas”, em Libras. Os verbos, como já dissemos, são sempre todos no infinitivo singular, e utilizaremos o “Sistema de Transcrição para a Libras” (FELIPE; MONTEIRO, 2007, p. 24), o que explica o fato de escrevermos palavras com as letras maiúsculas e com caracteres especiais. Teremos, então, o seguinte resultado:

Frase original:

“Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.”

² Dicionário (HOUAISS, 2015, p. 242).

Como fica na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):

“Domingo, amigos virão churrasco confraternização.”

Como fica na segunda fase, a “Adaptação” (S-V-O e gênero não literário):

“DOMINGO, AMIG@ VIR CHURRASCO FESTA^CONTATO”

3) Terceira fase, a “Tradução”:

Até agora, fizemos várias transmutações no sentido de desvincularmos a Libras da Língua Portuguesa, evitando, assim, o terrível vício do “português sinalizado”. Porém, mantivemos a ordem predominante (S-V-O). Contudo é agora, nesta fase, que nosso foco se volta à sintaxe da Libras propriamente dita, e isso se dará mediante o que nós já tratamos como sendo chamado de “tópico comentário” ou “foco”.

Dessa forma, devemos nos perguntar agora: Qual o objeto ou objetivo principal desta frase? O que ela quer transmitir efetivamente? Se tivéssemos que resumir em uma única palavra, qual seria ela? Qual o “tópico” ou o seu “foco”? Respondendo a essas perguntas, segundo o exemplo mencionado acima, fica óbvia apenas uma resposta: é o “churrasco”. Em Libras, frequentemente, começamos a “falar” pelo tópico. Isso torna a Libras uma língua sinalizada direta, clara e objetiva.

Na Língua Portuguesa, também frequentemente utilizamos esse recurso, mas em geral apenas quando se trata da forma coloquial. Além disso, todas as expressões não manuais (ENM), as intensificadoras (+), as expressões faciais (EF) e os classificadores (CL) devem agora aparecer nas ações interpretativas, que serão referenciadas ainda na forma escrita.

Enfim, chegamos à última fase na interpretação em Libras propriamente dita, viva e carregada de recursos, em que se acrescenta aí toda a estrutura essencial da Libras: as expressões não manuais, as escolhas, a formação do intérprete e todo um conjunto de mensagens visuais, as quais não é possível descrever senão pela própria ação de traduzir, que é efetivamente a quarta e última fase.

Volóchinov (2017) nos revela o caminho ao afirmar que a interpretação não é apenas uma transcrição de uma língua para outra, mas um fazer concreto, social e ideológico:

A língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo individual do enunciado concreto, ou seja, do discurso verbal concreto. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e,

portanto, real. As condições da comunicação discursiva, as suas formas e os meios de diferenciação são determinados pelas premissas socioeconômicas da época. São essas condições mutáveis da comunicação socio-discursiva que determinam as alterações das formas de transmissão do discurso alheio analisadas por nós. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 262).

Enfim, temos para nosso primeiro exemplo a seguinte sequência tradutória:

Frase original:

Domingo, meus amigos virão para o churrasco de confraternização.

Em nossa proposta metodológica teremos:

Na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):

Domingo, amigos virão churrasco confraternização.

Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):

DOMINGO, AMIG@ (plural) VIR CHURRASCO FESTA^CONTATO.

Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):

CHURRASCO FESTA^CONTATO DOMINGO AMIG@ (pessoas)^VIR_(CL).



CHURRASCO



FESTA^CONTATO



DOMINGO



AMIG@ (pessoas)^VIR_(CL)

Fonte: Libras - (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017

Na quarta fase, a “Interpretação”:

Tradução da Língua Portuguesa, oral ou escrita, para a sinalizada em Libras.

Dito isso, vejamos, nos exemplos citados anteriormente das metáforas de Cristo, os casos em que os TILS podem encontrar maiores dificuldades.

1.2 Casos de tradução literária

De acordo com o poeta e tradutor Manuel Bandeira (2015, p. 341), mencionando a *Estética* de Croce:

Toda tradução é impossível se pretende o transvasamento de uma expressão em outra, como o do líquido de um recipiente a outro; não podemos reduzir o que já tem forma estética a outra forma estética. Toda tradução, com efeito, ou diminui e estrofia, ou cria uma expressão nova. Assim, a tradução que merece o nome de boa é uma aproximação que tem valor original de obra de arte, e que pode viver independentemente.

Sob esta ótica e com os aportes teóricos abordados anteriormente, seguiremos demonstrando nossa proposta metodológica de tradução de textos bíblicos, agora analisando passagens bíblicas de livros do Novo Testamento. Contudo é relevante insistir que, em quaisquer circunstâncias, para traduzir bem é necessário conhecer profundamente a língua de partida e, é claro, a língua destino.

Com os gêneros textuais antigos e conseqüentemente a própria Bíblia, essa tarefa se torna ainda mais crítica. Não basta saber usar um dicionário, ou manipular um software como o “Bible Works”³, muito utilizado pelos exegetas, ou mesmo os dicionários em Libras disponíveis, embora estes sejam, sem dúvida, imprescindíveis

³ Bible Works” é um programa de software para livros sacros de línguas originais para exegese e pesquisa bíblica. Ele vem com as Bíblias grega, hebraica e Septuaginta para uso em computador, bem como traduções em inglês, alemão, espanhol, chinês, coreano. Disponível em: <<https://www.bibleworks.com>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

para o nosso caso. Por esses motivos, fica claro que nossa proposta metodológica se mostra bastante útil e necessária para esta transferência interlíngua, já que conhecimentos profundos sobre aspectos literários, tais como estão presentes nos textos bíblicos, não estão acessíveis à maioria das pessoas.

A ideia é apresentar um procedimento que seja eficiente também para o gênero literário bíblico, assumindo-se, por exemplo, que não é obrigatório ser um médico para traduzir um discurso técnico desta área, e também que não se é necessário ser um autor ou poeta para interpretar versões literárias poéticas. Assim, essa proposta tratará, mais detidamente, das particularidades típicas do texto literário, as quais são, sem dúvida, diferentes e apresentam pressuposições diversas daquelas outras que são classificadas como não literárias. Esses pressupostos são apoiados pela afirmação de Nord (1991), ao defender sua proposta de uma tradução por ela nomeada de “funcional”:

A tradução é a produção de um texto funcional, que mantém uma relação com um determinado texto de origem cujas características específicas determinará a função pretendida para o texto alvo (tradução skopos). Sem a tradução funcional, isso não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais existentes, e somente assim poderá haver um ato comunicativo completo. (NORD, 1991, p. 28, tradução nossa)⁴.

Assim como Nord, nossa proposta tem por objetivo atender a qualquer gênero fonte, seja ele literário ou não, a despeito de um conceito comum existente entre alguns autores, os quais acreditam que, nesses casos, deve-se transmitir a “intenção” do autor para a língua-alvo. Ao analisarmos uma bula de um medicamento, ou ainda uma propaganda de um telefone celular, manuais de computador, enfim, vários outros textos genéricos, ficam óbvias as intenções dos seus autores. No entanto, num gênero literário, isso não se constitui em verdade palpável, haja vista a distância entre a intenção do autor e o efeito esperado em seu público-alvo. Podemos exemplificar este distanciamento em alguns trechos de “Shopping for one” (CASSIDY, 1987), que apresentam elementos poéticos em sua produção literária, tais como ritmo e sonoridade. A autora, quando indagada sobre o uso desses recursos, afirmou desconhecê-los e não os ter produzido, não intencionalmente.

⁴ Trecho original em inglês: “Translation is the production of a functional target text maintaining a relationship with a given source text that is specified according to the intended or demanded function of the target text (translation skopos). Translation allows a communicative act to take place which because of existing linguistic and cultural barriers would not have been possible without it.”

Nesse sentido, faremos agora uma demonstração de nossa proposta, objetivando não influenciar o sentido, tampouco indagar acerca de uma suposta “intenção” existente no discurso literário bíblico, mas sim levar à língua-alvo a integridade do original. Cremos que o cuidado com a “fidelidade” deve ser uma constante, a fim de evitar o risco do uso do “português sinalizado”, o que poderia, por exemplo, levar o intérprete despreparado a traduzir o versículo de Lucas (12:35-38) apresentado anteriormente: “Estejam cingidos os vossos rins [...]”, para o seguinte possível resultado: “Apertem os seus rins [...]”. Isso seria possível porque, segundo o dicionário da Língua de Portuguesa, o verbo “cingir” tem como uma das acepções o verbo “apertar” (HOUAISS, 2015, p. 213), e para “rim” a acepção de “o órgão humano que produz a urina” (HOUAISS, 2015, p. 830). Esse é o resultado da interpretação feita fora de contexto, palavra por palavra, chamado em Libras de “português sinalizado” e literalista.

Para melhor compreensão, utilizaremos um outro versículo do Novo Testamento, encontrado no livro de João, que também já mencionamos na introdução deste trabalho. Vejamos: "No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." (João 1:29).

1) A redução (Primeira fase):

Como visto na primeira fase de nossa proposta metodológica, que chamamos de “redução”, para qualquer gênero discursivo ou textual o procedimento será o mesmo, seja literário ou não. Assim, ao “reduzirmos” a frase, retirando (conforme as regras da tabela 1) as palavras “No” e “do” (artigo e preposição: contração), a palavra “que” (regra de pronomes: pronome relativo), a palavra “a” (pronome demonstrativo), a palavra “e” (conjunção), as palavras “o” (artigo), a palavra “de” (preposição) e a palavra “que” (pronome), teremos:

Como fica o texto na primeira fase, a “redução” (S-V-O):

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tira pecado mundo.

2) A adaptação (Segunda fase):

Após realizarmos todas as análises já descritas no nosso primeiro exemplo para uma frase “não literária”, temos também que responder à pergunta sobre o

gênero do texto-alvo, se é literário ou não literário. Sem dúvida, essa passagem bíblica é um gênero literário, classificada basicamente como “épica ou narrativa”.

Podemos, na Bíblia, encontrar os mais variados gêneros literários⁵, como narrativas (histórico e didático), biografias, leis, poesias, hinos, canções, provérbios, cartas, discursos, profecias, mito, saga, legenda, conto, fábula, alegoria e parábola. Todos esses gêneros são utilizados visando contextualizar e descrever como Deus se relaciona com o homem.

Por se tratar de um texto considerado sagrado pelos crentes, é necessário que este seja analisado com uma atenção ainda maior, pois deverá manter-se fiel ao sentido. Deve aqui o intérprete questionar-se acerca dos conhecimentos que possui sobre o assunto, a fim de verificar se são suficientes a ponto de desconstruir uma metáfora ou qualquer outra figura de estilo utilizada no texto. Em outros termos, caso não possua os conhecimentos necessários, o intérprete pode, ao resumir os enunciados, modificar um sentido baseando-se apenas em suas próprias conclusões e convicções.

Vejam a importância destas indagações quanto ao significado e contexto histórico num outro trecho bíblico extraído no Livro do Gênesis:

Toma uma novilha de três anos, respondeu-lhe o Senhor, uma cabra de três anos, um cordeiro de três anos, uma rola e um pombinho. Abraão tomou todos esses animais, e dividiu-os pelo meio, colocando suas metades uma defronte da outra; mas não cortou as aves. (Gn 15:9-10).

Também aqui nesta leitura, é comum nos depararmos com intérpretes que deixam de lado o contexto e o fato histórico, devido à dificuldade em descrever um cenário que não é comum em nossos dias. De fato, torna-se uma ideia “estranha” ao homem contemporâneo falar de animais sendo sacrificados a pedido de Deus. E, de fato, isso se tornaria inaceitável se não fosse considerado que existia verdadeiramente um evento “contratual” sendo descrito, o que era muito comum naquela época. Não se trata de um contrato como os que estamos acostumados, em papel, impressos, com “firma reconhecida”, mas de um contrato proposto por Deus a Abraão. Tratava-se de um “pacto de sangue”. Este era o costume naquela época, feito entre duas partes interessadas que concordavam com os termos de um acordo (pacto ou aliança), ou seja: sacrificavam animais, cortavam-nos ao meio, dispunham-nos no

⁵ “Conhecendo a Bíblia Sagrada” Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/conhecendo-a-biblia-sagrada/5/>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

chão com um espaço entre suas duas metades. As partes interessadas nesse contrato, então, repetiam os termos do pacto e, de mãos dadas, passavam pelo meio dos animais sacrificados. O animal morto naquele contexto significava duas coisas:

1) Uma das partes que quebrasse o pacto ou qualquer de seus termos teria o seu sangue derramado como o daquele animal.

2) O animal era um substituto e simbolizava as pessoas que naquele momento faziam o pacto, isto é, elas se consideravam mortas e por isso não poderiam mudar aquele acordo. Era algo imutável.⁶ (Fonte: Fórum Evangelho – a doutrina de Jesus Cristo).

Voltando ao nosso exemplo extraído do Novo Testamento, a mesma análise histórica ou contextual deve ser realizada pelo intérprete ao traduzir a palavra “cordeiro”. Cabem aqui algumas perguntas, tais como: podemos “chamar” Jesus de “cordeiro”? Como posso comparar o chamado “filho de Deus” a um animal?

A resposta é simples. Era mesmo como um “cordeiro” que Jesus era visto e descrito nas escrituras e profecias, e como um “cordeiro” ele seria oferecido em sacrifício, pois era essa a promessa de Deus, oferecê-lo em sacrifício para a “remissão de nossos pecados”.⁷ (Is 53:7; At 10:43). Dessa forma, o intérprete deve, pelos motivos já descritos, traduzir claramente (fielmente) tanto o cenário do sacrifício dos animais quanto a comparação de Jesus ao “animal”, um cordeiro, mesmo que a palavra “cordeiro”, tenha também um duplo sentido, sendo o segundo “um filhote de carneiro de até um ano de idade”. (HOUAISS, 2015, p. 262).

Porém, para as palavras “viu” e “vinha” nesse mesmo texto, se o intérprete seguisse este raciocínio e erroneamente confundisse “fidelidade literária” com “português sinalizado”, que é a tradução palavra por palavra, ele nada encontraria no dicionário de Libras, pois as duas são flexões do verbo “vir” (transitivo indireto) no infinitivo⁸, que, conforme nossa tabela 1 (comparativa), tem como correspondente em Libras o sinal “VIR” para (“viu” e “vinha”) nesse contexto. Assim, poderemos encontrar um sinal correspondente aos verbos “VER” e “VIR” no dicionário Libras” (CAPOVILLA et al., 2017, v. 3, p. 2844, 2875).

⁶ Disponível em: <<http://forumevangelho.com.br/t1005-pacto-com-abraao-porque-somente-d-us-passou-entre-os-pedacos-dos-animais-sacrificados>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

⁷ Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

⁸ Língua portuguesa disponível em: <<http://www.lpeu.com.br/>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

Todavia, para traduzirmos mediante a utilização de verbos a ação contida em “João viu” e em “Jesus vinha”, realizadas pelos personagens bíblicos, devemos observar novamente nossa tabela comparativa (tabela 1). Nela, encontramos os “verbos em ação” ou os chamados “classificadores”. Ferreira (2010, p. 103) afirma que “os classificadores (CLs) funcionam como partes dos verbos em uma sentença, estes sendo chamados de verbos de movimento ou de localização”. Portanto, as ações dos sujeitos em “ver” e “vir”, o advérbio “eis”, cujo correspondente poderia ser “aqui está”, e a expressão “tirar o pecado” serão representados através de classificadores.

Então, prosseguindo com nossa proposta, temos até agora:

Frase original:

No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Como fica na primeira fase, a “redução” (S-V-O):

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tira pecado mundo.

Como fica na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero literário):

DIA^SEGUINTE, JOÃO^VER JESUS^VIR (CL vir a ele - João) (CL dizer a Jesus): EIS CORDEIRO DEUS, TIRAR PECADO MUNDO.

3) Terceira fase, a “Tradução”:

Nesta terceira fase, como já foi dito, não mais seguiremos o padrão da Língua Portuguesa. Deixaremos de lado a estrutura básica (S-V-O) para aplicarmos a gramática e sintaxe próprias da Libras, que é o “tópico comentário” ou o “foco”. Portanto, novamente nos perguntamos: qual é a mensagem principal que é transmitida pela frase em análise? Qual o seu foco?

Podemos perceber que é o fato de João, ao ver Jesus se aproximando, expressar sua crença e fé, afirmando sua divindade. Devemos também salientar que fica evidente a dificuldade em representar no formato impresso a comunicação em Libras. Não é tarefa fácil, e diríamos ser mesmo quase impossível, já que ficou claro em excertos anteriores que se trata de uma língua de sinais. E, por tratar-se de uma língua visual, mesmo que tentássemos utilizar a sua modalidade escrita, o

SignWriting, o resultado seria frutífero apenas para um reduzido grupo de pessoas, já que a escrita de sinais infelizmente apenas é conhecida por uma pequena parcela da comunidade surda. Dessa forma, vejamos como o nosso método proposto encerra este processo interpretativo, chegando agora à tradução propriamente dita da frase em Língua brasileira de sinais:

Frase original:

No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo.

Como fica na primeira fase, a “redução” (S-V-O):

Dia seguinte, João viu Jesus vinha ele disse: Eis Cordeiro Deus, tirar pecado mundo.

Como fica na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero literário):

DIA^SEGUINTE, JOÃO^VER JESUS^VIR (CL vir a ele - João) (CL dizer a Jesus): EIS CORDEIRO DEUS, TIRAR PECADO MUNDO.

Como fica na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):

DIA^SEGUINTE JESUS^VIR_(CL) JOÃO^VER FALAR EL@ CORDEIR@ DEUS MUNDO PECADO-AFASTAR

Agora, veremos como ficará a sequência dos sinais em Libras, lembrando que nunca uma interpretação é a mais ou a menos correta. No entanto, com esse procedimento podemos conseguir uma tradução eficiente e responsável. Isso é possível mediante o uso correto dos recursos linguísticos tanto da língua-fonte quanto da língua-alvo, com o objetivo de transmitir o enunciado em todo o seu propósito. “O tradutor responsável é aquele que com os recursos de que dispõe e com as limitações a que não pode escapar, produz um texto que corresponda de modo razoável ao texto original” (BRITTO, 2012, p. 37).

Frase original (primeiro exemplo de texto bíblico):

“No dia seguinte, João viu Jesus que vinha a ele e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1.29).

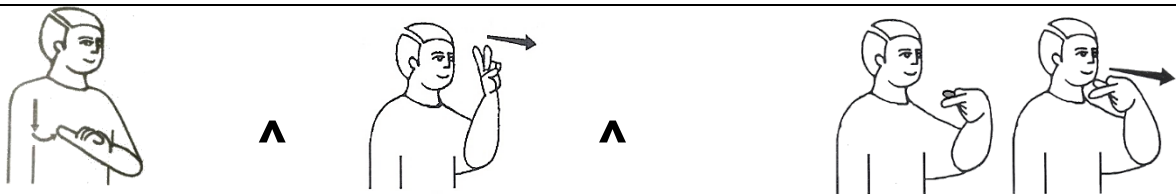
Traduzido para Libras (interpretação em Libras):



DIA^SEGUINTE



JESUS^VIR_(CL)



JOÃO^VER^FALAR



EL@^CORDEIR@^DEUS



MUNDO^PECADO-AFASTAR

Fonte: Dicionário (CAPOVILLA et al., 2017) São Paulo: EDUSP, 2017

Podemos notar, nas traduções em que utilizamos esta metodologia, que os resultados são bastante positivos no que se refere à clareza e à coerência quando comparadas ao enunciado fonte. A fundamentação que estamos utilizando vem ao encontro do que postula Nord (1991) sobre o uso de um mecanismo eficiente de adaptação na tradução, tendo como referência a “Skopostheorie”⁹ do linguista Hans

⁹ Expressão de origem grega skopos, que significa “propósito”.

Vermeer, que pressupõe que a tradução ou interpretação devem levar em consideração a proposta dos textos fonte e de chegada.

[...] tem que haver uma certa relação entre o texto fonte e o texto alvo. No entanto, a qualidade e quantidade desta relação são especificadas pela tradução skopos. Estes fornecerão os critérios para a decisão sobre quais elementos contextuais da situação fonte pode ser 'preservado' e que pode, ou deve ser 'adaptado' à situação alvo. (NORD, 1991, p. 28, grifo do autor, tradução nossa)¹⁰.

Assim como no exemplo anteriormente proposto com a poesia de Carlos Drummond de Andrade ("No meio do caminho"), aqui também não podemos tirar do surdo suas possibilidades de escolhas interpretativas em relação ao significado bíblico de o "cordeiro" de Deus. Em outros exemplos dessas situações, poderemos encontrar outras ocorrências em trechos bíblicos que, ao expressarem a relação do homem com Deus, utilizam formatos difíceis de serem fielmente traduzidos pelo intérprete. Por exemplo, "temer a Deus" é uma expressão muito comum no contexto bíblico, e muitas vezes o intérprete a transpõe para um simples "respeitar a Deus". Ora, naquele contexto histórico, social e cultural, os crentes, fervorosos na fé, realmente "temiam" a Deus! Não se produz nada mais "suave" com esta troca a não ser o distanciamento do que realmente a expressão representava naquela época.

Quando o tradutor transpõe a expressão sem ser fiel ao real sentido, muda na verdade o seu sentido. De fato, o temor a Deus era uma realidade profética e de crença comum. Trata-se de uma expressão antiquada, mas isso não significa que expressões e imagens antigas passíveis de interpretações errôneas tenham que ser necessariamente banidas ou ignoradas mediante do uso de conceitos menos complexos. Contudo é impossível eliminar da Bíblia a figura do Deus guerreiro, a ideia do sacrifício etc., muito menos ignorar as metáforas quase espontâneas de céu, abismo, trevas, luz. Elas fazem parte dos próprios processos cognitivos (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

Neste trabalho, ao aceitarmos estes princípios, assumimos que a responsabilidade do intérprete não é catequizar ou assumir uma posição homilética¹¹; pois, como dissemos, essa não é sua função. Entendemos que tentar traduzir um texto

¹⁰ Trecho original em inglês: "[...] there can be no process of translation without a source text. [...] there has to be a certain relationship between the source text and the target text. However, the quality and quantity of this relationship are specified by the translation skopos. The skopos will provide the criteria for the decision as to which elements of the source text in situation can be 'preserved' and which may, or must, be 'adapted' to the target situation".

¹¹ Arte de pregar sermões religiosos; eloquência sagrada. (HOUAISS, 2015, p. 513).

metafórico impondo uma significação é essencialmente destruir sua natureza literária, pois automaticamente ela não mais teria esta identidade. Assim, juntamente com esta proposta metodológica, o que pretendemos é que o intérprete ou mesmo o aprendiz consiga tornar a tradução um processo automático e produtivo sem incorrer no risco identificado por Nord (1997, p. 103), de que intérpretes que não tivessem estudado Letras não poderiam interpretar gêneros literários. Por isso mesmo, esta proposta metodológica destina-se a qualquer tradutor, intérprete ou aprendiz. Ao seguirmos esta sequência didática, pretendemos fazer com que o aprendizado da Libras ocorra da mesma forma que o da Língua Portuguesa quando o professor esclarece as relações sintáticas entre os termos de uma frase:

A análise sintática serve para tornar claras e racionalmente perceptíveis as relações entre os membros da frase (sua concordância, sua regência, sua colocação); serve mais, como elemento de verificação da boa construção de uma frase: a análise lhe revelará o ponto fraco, a estrutura mal urdida; permite ainda, racionalizar a pontuação. (KURY, 1997, p. 13).

Em nossa experiência no ensino de Libras, pudemos constatar que o entendimento da organização gramatical da Libras em relação à Língua Portuguesa só é adquirida se seu processo sintático é apreendido na prática. Como isso, temos conseguido expurgar do futuro intérprete a sina de traduzir utilizando o português sinalizado. Desenvolvemos até mesmo um “simulador” em forma de tabuleiro, que ainda não possui um nome específico. Por ora, nomeamos tal tabuleiro de “jogo da tradução”, que nos proporciona uma ferramenta didática de aplicação deste método. Essa ferramenta é formada por um quadro branco magnético utilizado para ensino e anotações de avisos e mais um conjunto de cartas também magnéticas, contendo letras do alfabeto manual em Libras, bem como símbolos ilustrados na convenção da escrita em Libras. Desse modo, executamos as traduções literárias ou não literárias, passo a passo, em suas três fases como descritas aqui. Assim, o aluno pode visualizar, na prática, o processo tradutório sendo exercitado ao concluir com a quarta fase, a interpretação propriamente dita.

O aprendiz realiza as três fases, inicialmente com a construção da frase fonte. Em seguida, compõe a sentença com as letras móveis, colocando-as em sequência correta. Constrói as frases, executando, assim, a “datilologia”, memorizando o próprio alfabeto da língua de sinais, já que as letras não estão lá impressas em português,

apenas contêm as figuras das mãos em Libras. Ao fazer isso, um dos objetivos do ensino já é alcançado: o aluno não lê mais em português, mas sim em Libras. Depois, na primeira fase, ele começa, mediante a simples retirada de letras “s”, preposições, artigos, pronomes, como já descrevemos, “reduzindo”, chegando a um modelo que já não é mais a Língua Portuguesa. Com isso, ele agora observa o texto com os olhos do surdo, e já reconhece ali a existência de unidades lexicais que não combinam com a Língua brasileira de sinais. Então, utilizando ferramentas como dicionários da Língua Portuguesa, dicionários de sinônimos e de Libras, o aluno começa a fazer as “adaptações” necessárias, pois ele já percebeu que aquilo ainda não é Libras.

Ao procurar a relação lexical e sintática da Língua Portuguesa com a língua de sinais, aos poucos a Libras começa a fazer parte do seu cognitivo, e ele entende que pode construir todo e qualquer tipo de expressão mediante uma língua sinalizada. Vê então que existem equivalentes e referenciais que expressam todo conhecimento comunicativo, pois ele os encontra não só nos sinais, mas na forma de pensar e agir do surdo. Substitui e adapta aquela língua ao modo de “falar” do surdo, por meio das mãos, sinais, e expressões que também podem ser representadas graficamente, criando, assim, um elo entre as duas modalidades de língua.

Ele passa agora para a terceira fase, e finalmente começa a mudar o posicionamento dos elementos gramaticais. Agora ele vê com o olhar do surdo: a sintaxe não é essa, precisa mudar, e ele começa a raciocinar em Libras. Começa aí a efetiva tradução para a língua de sinais.

Ele vê o objeto como foco ou tópico, muda o sujeito, transforma o verbo em ações ou, como chamamos em Libras, em classificadores, e os posiciona numa sequência agora muito clara, mesmo para ele, ouvinte, que agora se torna um surdo por opção. Porém, ainda sente que falta algo, e sabe que se trata do verdadeiro “falar em Libras”. É preciso agora executar os sinais, transmitir a emoção, a entonação, produzir o enunciado concreto visualmente. O aluno ouvinte, agora um falante da Libras, vai até a frente da sala e executa a sua tradução, a quarta fase, e produz uma comunicação concreta, rica e cheia de significado para ele e principalmente para os surdos, coroando enfim todo o processo de aprendizagem da Libras.

Vejamos agora nosso método aplicado a outros textos bíblicos citados:

Frase original (segundo exemplo de texto bíblico):

“Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo [...]” (Jo. 10:9)

Como vimos anteriormente, na fase da redução e tomando como referência as informações contidas nos itens 1 e 5 da tabela 1, na expressão “Eu sou”, do versículo de João, temos o uso do pronome pessoal mais um verbo de ligação (ser). Em Libras, como sabemos, normalmente o pronome é um “marcador de concordância” que é produzido por meio de “apontação” manual com a configuração (CM14) ou (CM52), conforme a Tabela de Configuração de Mãos. Também sabemos que os verbos de ligação “ser” e “estar” devem ser omitidos por estarem implícitos nesse marcador, assim teremos:

Na primeira fase, a “Redução” (S-V-O):

EU PORTA. QUEM ENTRAR M@ SALVAR

Na fase seguinte, que consiste na adaptação, começamos a transição para a Libras, lembrando que é nessa fase que o gênero linguístico deve ser identificado, pois as “adaptações” que serão necessárias são dependentes dessa classificação literária no enunciado fonte. No nosso caso, trata-se do gênero bíblico e, portanto, a fidelidade ao texto é muito importante. O pronome “quem”, utilizado para identificar naquele contexto “qualquer pessoa”, deverá ser substituído por outro sinal em Libras, que deverá ter o mesmo significado para a palavra “pessoa”. O substantivo “porta” é uma metáfora que nos conduz a um possível sentido de ser “uma passagem para a salvação” e, portanto, deve ser preservado, como já discutimos anteriormente. É importante também observarmos que o verbo “ser” está no futuro do indicativo; assim, teremos que usar algum outro recurso visual para indicar que ele “terá” a salvação. Caso contrário, estaremos correndo o risco de modificar o sentido original da frase. Talvez, ao não observarmos essa regra, possivelmente alteraríamos o sentido para a expressão “me salvar” e não a que diz que “ele” se salvará. Podemos utilizar aqui uma das possíveis escolhas interpretativas, que é o uso do verbo “ter” em Libras. São plausíveis também outras escolhas, como a utilização dos verbos “conseguir” ou “acontecer”.

Assim, na segunda fase, temos:

Segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):

EU PORTA, PESSOA ENTRAR M@ TER SALVAR

Prosseguindo, já na terceira fase, a Libras deve ocupar totalmente o seu espaço. Assim sendo, a sinalização feita em Libras: PESSOA^ENTRAR_(CL), será realizada por um único sinal. Nesse caso, será um classificador que represente uma “pessoa entrando” pela “porta”. Assim, utilizaremos a convenção de escrita em Libras, sendo o classificador identificado pela sigla (CL), em subscrito. Seguindo esses parâmetros, teremos:

Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):

EU^PORTA. TER SALVAR PESSOA^ENTRAR^ME_(CL)

Passando agora para o nosso terceiro exemplo de uso da nossa sequência didática, usaremos o texto contido em Mateus, capítulo 5, em que há o relato do “Sermão da Montanha”, quando Jesus descreve as “Bem-aventuranças”. Notem que a própria expressão “bem-aventurança” apresenta grande dificuldade para o intérprete em Libras, já que não existe uma correspondência específica para este termo no “Dicionário da língua de Sinais do Brasil - A Libras em suas Mãos” (CAPOVILLA et al., 2017), que é nossa referência principal para consulta de sinais.

Essa falta de correspondência é uma situação recorrente para o profissional intérprete que, em poucos segundos, tem que encontrar um sinal que represente uma expressão muito pouco utilizada em nossos dias. “Bem-aventurado” é de origem grega, “makários”, e significa “homem cuja vida é invejada por ser um privilegiado por Deus nos seus planos beneficentes”. Assim, podemos facilmente traduzi-la por ‘bendito’ ou ‘abençoado’¹².

Mais popularmente, temos que a acepção de “aventurança” está relacionada à palavra “ventura”¹³, cujo significado poderia ser “felicidade” (HOUAISS, 2015, p. 963). Assim, utilizaremos tal palavra como léxico correspondente em Libras. Contudo, fica óbvia a dificuldade do intérprete, se este não possuir os conhecimentos linguísticos e socioculturais necessários para sua atuação.

¹² Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/comentario-exegetico-%E2%80%93-dia-de-todos-os-santos/>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

¹³ Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/tododemaria/bem-aventurados-os-pobres-de-coracao/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

Porém, a própria composição linguística das bem-aventuranças pronunciadas por Jesus nos dá o caminho para a solução deste problema. Ao lermos todas as bem-aventuranças, notaremos que são constituídas por metáforas que se relacionam à “sorte”, à “alegria”, à “felicidade” e a outras acepções semelhantes. Por isso, a postura ética e a correta técnica da interpretação devem seguir regras de tradução básicas, das quais trataremos um pouco mais à frente.

Assim, vejamos como devemos proceder na tradução de uma dessas bem-aventuranças em Mt 5:13.

Frase original (terceiro exemplo de texto bíblico):

“Vós sois o sal da Terra” (Mt. 5:13)

Seguindo as orientações anteriores para a fase da redução, sabemos que não se usa em Libras artigos e o elemento de ligação (“o” e “da”). Assim teremos:

Na primeira fase, o da “Redução” (S-V-O):

VÓS SOIS SAL TERRA

Passando para a fase da adaptação, veremos que “vós” pode ser substituído por “vocês”, e “sois” tem o verbo “ser” como infinitivo. Sendo um verbo de ligação, o verbo ser não será traduzido, porém ambas as acepções possuem referentes em Libras.

A palavra “sal”, para os povos antigos, significava a única forma de proteger e evitar a contaminação dos alimentos¹⁴, além de lhes dar sabor. Sem dúvida, Jesus utiliza esse referente de forma metafórica, a qual não temos o direito de desconstruir. Contudo, para a palavra “terra”, a inferência possível para aquele contexto seria o “mundo humano”, e Jesus espera que os que creem nele sejam “sal”, como aqueles que evitam o pecado como contaminação, ou que sejam fonte de “sabor” para a vida. Mas esta é uma escolha interpretativa particular; portanto, para evitarmos isso, teremos nesta fase o seguinte grupo de sinais:

Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):

VOCÊS SAL MUNDO

¹⁴ Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/homilia-do-d-henrique-soares-da-costa-%E2%80%93-v-domingo-do-tempo-comum-%E2%80%93-ano-a/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

Novamente, agora na terceira fase, a Libras deve compor o resultado final. Para interpretarmos com fidelidade esse texto bíblico, como propusemos, e pelos motivos já expostos, manteremos “sal” e substituiremos “terra” por “mundo”, os quais devem ser mantidos como na língua-alvo.

Contudo, ao utilizarmos a gramática da Libras, se não oferecermos algum recurso visual para que o surdo perceba a existência da figura metafórica envolvida no texto, o resultado pode ser catastrófico; algo como: “VOCÊS SALGAM O MUNDO”. Para evitar esse equívoco, usaremos o adjetivo “IGUAL”, o que nos levará à seguinte possibilidade tradutória:

Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):

SAL MUNDO VOCÊS IGUAL

Chegamos então à quarta fase, em que realizaremos esta tradução, na prática, em Libras.

Passando agora para o nosso quarto exemplo de tradução literária, analisaremos a passagem que já citamos anteriormente, a qual é muito conhecida e que também é muito debatida em seus possíveis significados:

Frase original (quarto exemplo de texto bíblico):

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus” (Lc. 18:25).

Como vimos, a interpretação adequada implica manter os sinais para “CAMELO” e “AGULHA” em Libras, visando manter a fidelidade da metáfora utilizada por Jesus, quando basicamente afirma que é impossível um “rico” entrar no “Reino de Deus”. Novamente, há aqui a nossa inferência, que é um ponto de vista particular. Para evitarmos essa influência pessoal, devemos seguir nosso roteiro metodológico: a fase da redução:

Primeira fase, a “Redução” (S-V-O):

MAIS FÁCIL CAMELO PASSAR BURACO AGULHA RICO ENTRAR REINO DEUS

Por mais que pareça estar distorcido o sentido original nessa primeira fase, precisamos superar o desejo quase irresistível de já fazer uma tradução em Libras. Nesse momento, devemos continuar a seguir as regras de nosso “jogo da tradução”.

Isso ocorre porque aqui ainda não há sentido nem em Libras nem em Língua Portuguesa. Mas, ao seguirmos a sequência proposta, o processo tradutório torna-se um evento natural. Isso ocorrerá automaticamente após alguns exercícios.

Esse resultado é o mesmo que ocorre com o processo de “análise sintática” que aprendemos no estudo da Língua Portuguesa. Esse método nos proporcionará o mesmo efeito na tradução e interpretação em Libras. Portanto, prosseguindo para a próxima fase, a adaptação, devemos nos preocupar com as palavras: “mais” e “buraco”.

Para o intérprete despreparado, a palavra “mais” pode ser confundida com uma conjunção aditiva, o que é um erro recorrente, pois leva ao uso do português sinalizado. Podemos notar que existem oito variações de sinais para a acepção “mais” no dicionário de Libras (CAPOVILLA et al., 2017, v. 2, p. 1744-1745). Escolhemos o sétimo verbete identificado por “mais (7)”, no dicionário. No contexto da frase, essa palavra é usada como advérbio de intensidade, e também deverá ter em Libras um intensificador equivalente. Para isso, o mais indicado é o uso de um classificador “intensificador” realizado junto ao sinal em Libras para “FÁCIL”, indicado pelo símbolo (+), em subscrito, conforme previsto na convenção de escrita em Libras.

Para o substantivo “buraco”, no contexto de “buraco da agulha”, não existe no dicionário de Libras uma tradução específica, mas há o sinal de “AGULHA”, que possui duas variações, sendo que somente uma se adapta ao contexto em questão. Neste caso, o sinal escolhido é uma “agulha” usada para costurar (CAPOVILLA et al., 2017, v. 1, p. 136). Como este sinal apenas representa a própria “agulha” e não o “buraco da agulha”, o intérprete terá que utilizar novamente dos “classificadores”, pois ele não poderá ignorar o fato de que a metáfora se refere a um “camelo” passando por um buraco de “agulha”.

Além disso, temos a conjunção comparativa “do que”, que também não tem um sinal específico em Libras. Portanto, para não fugirmos ao sentido metafórico exposto, uma das possibilidades seria dizer que: “um passará” (o camelo), e o outro “não” (o rico). Como temos um correspondente em Libras para “camelo” no dicionário de Libras, então na adaptação teremos:

Na segunda fase, a “adaptação” (S-V-O e gênero não literário):

MAIS^FÁCIL CAMELO PASSAR^BURACO^AGULHA NÃO RICO ENTRAR
REINO DEUS

Finalmente, agora em Libras, teremos:

Na terceira fase, a “Tradução” (tópico comentário):

FÁCIL⁽⁺⁾ BURACO^AGULHA^COSTURAR CAMELO^ENTRAR^(!) RICO^(?)
ENTRAR REINO-DEUS NÃO_(SINAL, CL ou ENM)

Dessa forma, podemos notar que este método pode e deve ser aplicado para qualquer gênero literário. No entanto, vale lembrar que é necessário, antes de tudo, definir qual é esse gênero. Portanto, para maior clareza, proporemos a seguir algumas regras básicas para o trabalho do profissional intérprete em língua de sinais.

1.3 Regras básicas para interpretação em Libras.

Como referência para o procedimento de tradução e interpretação em Libras, gostaríamos de assinalar que a preocupação em não utilizarmos o “português sinalizado” é fundamental, e isso somente ocorrerá quando efetivamente começarmos a pensar em Libras. Esse é um fato desejado no aprendizado de qualquer outra língua. O fluente em língua inglesa, por exemplo, pensa em inglês e não em português; pois o falar uma segunda língua se torna tão natural quanto o falar em sua língua materna.

Porém, essa capacidade somente pode ser alcançada se seguimos algumas orientações fundamentais. Uma delas é, sem dúvida, como já destacamos, conhecer muito bem a sua língua materna e, é claro, também sua segunda língua escolhida. Assim, como não basta apenas conhecermos palavras da língua inglesa para sermos falantes dela, também não nos basta saber todos os 13.500 verbetes em língua de sinais para “falarmos” em Libras.

Como sabemos, aprendemos a falar uma língua materna porque, desde o ventre da mãe, nosso desenvolvimento já envolvia o ouvir vozes da própria mãe, do pai, enfim, sons e falas do mundo ao nosso redor. Portanto, não há uma fórmula

mágica não natural, mas podemos traçar aqui, além do apoio dessa nossa proposta metodológica, algumas regras básicas:

1. Aprender bem a Libras. É fundamental passar por um curso com no mínimo 120 horas, ministrado por um professor “com proficiência no ensino de Libras”. Com isso, espera-se adquirir os conceitos básicos da comunicação em sinais. Concomitantemente, é necessária a aquisição de uma boa carga lexical. Segundo nossa experiência no ensino de Libras, consideramos necessário um grupo mínimo de sinais, entre 800 a 1000 verbetes para essa carga horária.
2. Aprender a pensar em Libras. A convivência com a “cultura surda”, isto é, a comunicação e a prática no uso da língua com o surdo nos proporcionam os mesmos resultados obtidos no método conhecido como “immersion course”¹⁵, oferecido em boas escolas de língua inglesa. Isso ocorre porque somente a prática poderá concretizar o aprendizado, sendo importante lembrar que o domínio da língua materna, no nosso caso a língua de portuguesa, é parte fundamental desse processo e, como já dissemos, para a aquisição de uma segunda língua, o domínio da primeira é obrigatório.
3. Nunca usar a língua oral e a língua de sinais ao mesmo tempo. Não é possível, pelo menos no que se refere ao uso correto da gramática da língua de sinais, pensar numa língua e falar em outra. Vemos muitos intérpretes despreparados dizendo que são ‘capazes’ de falar em português e “fazer” Libras ao mesmo tempo. Quando utilizamos esse recurso, automaticamente estamos apenas fazendo com que o nosso cérebro processe o que estamos expressando oralmente para sinais manuais, e isso nada mais é do que o português sinalizado. Basta também observarmos que tal intérprete faz o mesmo número de sinais iguais ao número de palavras que ele está

¹⁵ “Curso de imersão, significa um tipo de curso em que o aluno é exposto ao idioma com muito mais intensidade do que pode ser alcançada em uma situação de aula típica. Falando, praticando e simulando diferentes atividades, mas com um nativo na língua alvo (tradução nossa)”. Original em inglês disponível em: <<http://www.bravatraining.com.br/en/cursos/imersao/>>. Acesso em: 01 fev. 2018.

pronunciando. Isso denota, enfim, o uso da Língua de Portuguesa, e não a Libras.

4. Expresse-se com o corpo. Como vimos, não basta somente saber sinais, é também comum encontrarmos pessoas que dizem que não conseguem falar em Libras e fazer expressões faciais e corporais, por timidez ou outro bloqueio, ao mesmo tempo que garantem saber bem a língua de sinais. Infelizmente, isso também não é verdade. Se há essa dificuldade, faz-se necessário um treinamento específico com profissionais da área; pois, como vimos, as expressões não manuais são constituintes da gramática em Libras. Sabemos que esse recurso traz também benefícios para nossa própria comunicação interpessoal como um todo. Birdwhistell (1970, apud DAVIS,1979) concluiu, mediante suas pesquisas, que a importância do léxico na comunicação entre as pessoas é apenas indireta, pois a maior parte da comunicação se processa em um nível abaixo da consciência. Segundo ele, somente 35% do significado social de uma conversa corresponde às palavras pronunciadas, os outros 65% seriam próprios dos canais de comunicação não verbal.
5. Para cada gênero há uma interpretação. Todo enunciado possui características linguísticas próprias. Pensar em tradução significa pensar em transmitir da melhor maneira possível a informação de uma língua para outra. Assim, não se pode conceber que, para traduzir uma notícia de jornal, o método tradutório seja o mesmo que utilizamos ao traduzirmos uma leitura bíblica. Cada um possui seus contextos socioculturais, figuras de linguagens e léxico próprios. Portanto, o bom intérprete, sempre que possível, se prepara antecipadamente para um evento tradutório, inteirando-se desses aspectos, a fim de proporcionar ao seu público alvo clareza e a segurança de que a fonte da tradução será transmutada o mais fielmente possível.

Enfim, o estudo e a prática constantes devem sempre fazer parte do dia a dia do TILS. Não há um limite nem um currículo padrão mais indicado. Por isso, o que esperamos com nossa proposta é tornar esse processo de aprendizagem mais suave.

Podemos afirmar que é uma linda profissão e que nos enche de orgulho, pois não é um simples trabalho, antes é um privilégio executar uma atividade profissional que promove a inclusão social. Os resultados obtidos com esse método têm sido muito satisfatórios, por isso já estamos produzindo um modelo de aplicativo em forma de software com estas mesmas funções. É fato que há muito ainda a ser aperfeiçoado, e também estamos certos de que nenhum método substituirá a vivência e a prática com a comunidade surda. Porém, continuaremos nesta caminhada, objetivando solidificar conceitos e ir além de métodos coadjuvantes.